

PARA ALÉM DA BIOLOGIA: BEAUVOIR E A REFUTAÇÃO DO SEXISMO BIOLÓGICO

BEYOND BIOLOGY: BEAUVOIR AND BIOLOGICAL SEXISM REFUTATION

Djamila Ribeiro*

Esta comunicação foi apresentada em maio de 2013, por ocasião do I Encontro de Filosofia e Gênero, ocorrido na Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo. Neste evento, que teve a duração três dias, vários pesquisadores apresentaram textos sobre diferentes perspectivas acerca das questões de gênero e sexualidade.

Meu trabalho teve como tema: “Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico”. O ponto nevrálgico deste meu trabalho é mostrar como ainda a mulher é determinada tendo em vista o viés biológico e, tendo como base a obra, *O Segundo Sexo – Fatos e mitos*, de Simone de Beauvoir, fazer a objeção a esta determinação.

A primeira parte da obra *O segundo sexo – Fatos e mitos* – denomina-se “Destino” e contém os três primeiros capítulos assim denominados respectivamente: “Dados da biologia”; “Ponto de vista da psicanálise”; e por fim, “Ponto de vista do materialismo histórico”. O fato de esta primeira parte ser denominada “Destino” é de extrema importância porque enfatiza como essas três instâncias supracitadas tentariam legitimar o discurso da má fé¹ ao tentar atribuir uma essência a mulher e criar um lugar definido, um destino que a sobredetermina e a fixa numa situação de não transcendência. Ou seja, ao pretender criar um destino fisiológico, psicológico e econômico para a mulher. Beauvoir, portanto, identifica e refuta essas três instâncias que tentam bloquear a liberdade da mulher. Nesta comunicação, nos atentaremos a discutir a instância biológica, ou o que ousou chamar de sexismo biológico. Não há uma epistemologia determinada sobre este termo, utilizo – o em referência aos estudos de evolução biológica do século XIX que aplicou o conceito de

* Mestranda em Filosofia na Universidade Federal de São Paulo; Integrante da *Simone de Beauvoir Society* e do MAPÔ – Núcleo de Estudos Interdisciplinar em Raça, Gênero e Sexualidade da Universidade Federal de São Paulo.

racismo biológico marcando a relação de superioridade e inferioridade entre colonizadores e conquistados, mais precisamente na América, que legitimou as relações de dominação europeia, ao atribuir aos negros uma “inferioridade natural” devido à cor e tamanho do cérebro. O sexismo biológico também pretende marcar uma “inferioridade natural” da mulher. Ponto que apesar de existir semelhanças entre esses tipos de opressão, há também diferenças e não é o intuito aqui problematizá-las. O objetivo aqui é marcar como são semelhantes no sentido de naturalizar desigualdades.

A mulher tem progesterona; estrogênio. A questão é afirmar que a produção desses hormônios definem e determinam o comportamento da mulher. Ou, em relação ao homem, dizer: a testosterona faz com que o homem seja mais aguerrido, um líder. Logo, uma mulher pode pensar: “eu não tenho testosterona, então não faz parte da minha natureza ser líder”. A aplicação da biologia na questão de gênero nos faz tomar uma diferença biológica como social. E a mulher não pode ser definida unicamente pela biologia ou sua sexualidade porque a consciência que a mulher adquire de si mesma é apreendida na sociedade a qual ela é membro. O homem é tido ainda como o soberano não porque tem uma anatomia diferente da mulher, mas porque principalmente quem possui essa anatomia diferente possui um prestígio social. Logo, percebe-se que não se pode ignorar o fato histórico e social.

A mulher tem útero, ovários, o homem não tem. O problema reside na afirmação de que por ter úteros e ovários a mulher seria inferior – em sentido político, moral ou mesmo intelectual – em relação ao homem. Essas significações hierarquizadas diante das diferenças sexuais colocam a mulher numa situação de desvalorização permanente perante o homem. Nesse viés biológico, por exemplo, o termo fêmea prende a mulher ao seu sexo e a consequência disso é nunca se libertar de uma situação. É ainda muito comum ouvir frases como: “é da natureza da mulher cuidar”; “toda mulher tem um instinto maternal e tem que ser mãe” (a maternidade como destino) ; a mulher é dócil e delicada. E isto, geralmente, é visto e aceito sem estranhamento. Segundo Beauvoir, atribuir essência a mulher dizendo que ela tem um destino a ser seguido é querer destituir um ser humano de sua própria humanidade.

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do

homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo.(BEAUVOIR, 1980, p.25).

A biologia é utilizada como base para a legitimação da opressão da mulher. É como se dissessem: “a mulher é isso e não há nada que se possa fazer”. O sentido político e objetivo da diferença se dá porque a diferença biológica que há produz desigualdade que não é meramente biológica. Porém, percebe-se, que os dados da biologia incorrem em má fé, porque pela perspectiva existencialista nenhum ser é aquilo que é, nenhuma substância é absolutamente fixa, é sempre capaz de se transformar em uma nova substância. A consciência que a mulher adquire de si mesma não seria definida unicamente pela sexualidade porque a consciência se for fazer jus a sua definição, não pode em nenhuma hipótese estar fundada na biologia. Em entrevista concedida em 1979 a Margaret Simons e Jessica Benjamin, disse Beauvoir: “Há, de fato, uma diferença biológica, e que não deveria, mas é utilizada como base da diferença sociológica”. (BEAUVOIR apud SIMONS, 1999, p.18. Tradução minha).

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana. (BEAUVOIR, 1980, p.57).

Biologicamente, os dois traços que caracterizariam a mulher seriam os seguintes: seu domínio sobre o mundo que seria menos extenso que o do homem; e sua maior submissão à espécie. Sendo assim, segundo a análise de Beauvoir, a categoria de gênero não possui fundamento se está fundada na biologia, pois o sexo não é capaz de definir a mulher; sendo a mulher um indivíduo, ela também se volta ao mundo porque é escolhendo-se por meio do mundo que o indivíduo se define.

Simone de Beauvoir não nega as diferenças sexuais entre homens e mulheres; o que se está negando é que as diferenças não deveriam, mas produzem desigualdades no campo

social. Diferenças biológicas são utilizadas como “desculpas” para se negar direitos às mulheres; são utilizadas para legitimar desigualdades.

Quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra *ser* que precisamos entender-nos; a má fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: *ser* é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, *são* hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores. (BEAUVOIR, 1980, p.18).

Portanto, Beauvoir refuta a existência de uma natureza feminina, tributária do gênero, dada pela biologia.

Palavras chave: sexismo biológico; transcendência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEAUVOIR: Simone. **Por uma moral da ambigüidade**; tradução de M.J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada** – ensaio de ontologia fenomenológica; tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX (Corrêa, 1999); **Cadernos Pagu**, vol. 12.

SIMONS, Margaret A. **Beauvoir and the second sex: feminism, race, and the origins of existentialism**. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, 1999
